

Melhor se fosse duradouro

Impressionante o resultado fiscal consolidado divulgado pelo Banco Central para o mês de abril de 2005. No conceito primário — excedente de caixa antes de pagar juros e amortizações — os governos e as estatais geraram, em conjunto, saldo positivo de R\$ 13,4 bilhões, ante R\$ 9,8 bilhões no mesmo mês de 2004. Com efeito, no atual quadro de luta do Banco Central contra fortes pressões inflacionárias, é bem melhor que o ajuste da demanda agregada do País se faça via política fiscal austera do que pela subida dos juros. O resultado de abril reforça, assim, o compromisso do Ministro da Fazenda com o objetivo central de estabilização da economia.

Boa parte desse resultado se explica pelo esforço de ajuste realizado no âmbito do Tesouro Nacional, onde a receita bruta de impostos e contribuições subiu 22%, em comparação com abril/2004, 14 pontos de porcentagem a mais do que a inflação do mesmo período, medida pelo IPCA. E onde, além disso, as despesas menos rígidas caíram 14% em termos nominais (ou 21%, após descontar a inflação). Graças a isso e a outros fatores relevantes, a razão entre a dívida pública e o Produto Interno Bruto caiu de 50,8% para 50,1% do PIB, entre março e abril/2005.

O drama do Tesouro é a dificuldade de repetir resultado tão expressivo nos próximos meses. Viu-se, pelo relatório da execução financeira do primeiro quadrimestre à Comissão Mista de Orçamento, que, em bases anuais, o ganho extraordinário de receita de abril deve ser quase inteiramente tragado pelo crescimento, ainda sem controle, das despesas obrigatórias. Temo, assim, que os ganhos da austerdade fiscal de abril se limitem ao curíssimo prazo, não gerando a melhoria de expectativas que poderia levar a juros reais mais baixos no futuro.